

**Orneto
do Fernandes**

O Neto do Francês

Matheus Oliveira Cenachi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Há mais de década parei de fumar.

Talvez porque...

(Talvez?

A quem quero enganar?)

Parei, deixei o fumo

Porque pensava precisar de algo mais forte a certa altura.

Porque a dissolução dos pensamentos concedida pela combustão já não me era suficiente.

Porque precisava...

Da ausência de mim mesmo. Do Eu.

Então, recorri a coisas mais pesadas.

Procurei o ópio

Sem sucesso.

Busquei, daí, algo mais devastador e nefasto

E encontrei

Na cozinha de minha mãe

Um sachê de chá...

E naquele amargo sabor estranho, no ferver do mate, Ele sumiu

Por um tempo.

Só por um tempo.

E então, por uma crença antiga, fui levado à tabacaria.

Lá

Não encontrei nem a tabuleta

Nem Esteves.

Mesmo assim comprei um punhado de fumo e fui para fora.

Num elogio aos costumes, enrolei meu próprio cigarro.

Porém ao tragá-lo, encontrando nada senão fumaça

Percebi que fui enganado.

Notei a mais descarada mentira!

Porque a metafísica permaneceu impregnada.

Mas o problema não era esse

Não exatamente esse.

O problema, quem sabe mais maduro, quiçá mais infantil

Não era o da falta.

Não havia falta.

Havia presença!

A maldita presença temporal de mim mesmo

Que ora me aparecia como impostor, ora...

Ora, como um escravo fujão
Livre
Sem saber pra onde e para quem ir.
Lançava o olhar para as pessoas, terminando o cigarro
E magistralmente, numa surpresa aguardada, não via *persona*.

Fui tapeado.
Me prometeram o sucesso.
Tive o sucesso!
Mas a arapuca estava nesse sucesso ele mesmo...
Descobri tarde que não era o sucesso.
Mas como saber? Era o que todos diziam.
Me encontrei, pelos fins dos anos 40, com o melhor.
Naquela época todos acreditavam que era o melhor
Até porque prometia tudo sem igreja ou pregações oficialmente
estabelecidas.
Quem não se encantava?
Então fui
E desde então sabia o que fazer: até o sol brilhava de um jeito
diferente.

Havia enfim preenchimento.

Há preenchimento.

No entanto, o problema mesmo está na metafísica

Na metafísica do espelho. Preenchido.

Em certos momentos

Me desespero.

As lágrimas correm, sem pudor

Sem obrigações.

Não é mais somente na cama

Sobre o travesseiro.

A descarada se deita até na condução, quando tenho de pegar o
ônibus.

As pessoas perguntam

Eu disfarço, olhando pela janela.

As pessoas, os amigos, me animam

Mas não há câmbio entre o futuro e o passado.

Não existe no mundo dos mortos a troca.

Mas só um imenso espelho.

E às vezes, pra piorar, uma tela de cinema inteira!

E... não é Bergman...

Então, assisto, sem escolha “dessa vez”.

Calado

Vejo cena por cena...

Se fossem pessoas

Sim, somente simples pessoas

Eu poderia esquecer!

Daria para conviver.

Mas na tela só aparece Eu.

E esta sessão é também a única que não tem fim.

Como? De que jeito? Me perguntei por muito tempo.

Depois, desisti, larguei de mão.

Interrogava suplicante

E numa súplica tal

Que sequer percebia que falava era com a fumaça do meu café.

E ela, sem passado, se ia, levando a resposta...

Hoje, o interrogador é o outro.

As posições

São outras.

E a única coisa que queria
Era ter visto, ao sair,
O sorriso do dono Tabacaria.

Sorrir, tenho fé! ainda irei.
Sei que vai acontecer.
Mas com que sabor? Com que calma?
Será possível ter prazer num beijo
Quando todas as réplicas me encaram
E eu mesmo nada tenho de distinto dessas?..
Só no pensar isso me causa desolamento.
E nojo.
Pois, com que cara de pau ofereceria minha boca podre a outro?
A livre e infeliz boca das réplicas...
Pois é... ainda falta hipocrisia.
Ou entendimento.

Mas enrolo, outro cigarro.
(Já me acostumei com seu gosto.)
E acendo, no cigarro, a lamparina originária.
Sim! Percebo e nisso meu coração se acende com a única verdade
Antes abominada.

Estão fazendo comida
E volto a ter apetite.
Pois me recordo
Pois descubro!
Que a lei universal do mundo é a roleta...
Entendo, com epifania, que fiz nada!
E com isso, pelo menos
Meus ombros relaxam...

Não é garantia de nada, é bem verdade
Mas talvez, depois do jantar
Sabendo disso
Será possível, enfim, dormir.

(...)